

O PROJETO UTÓPICO, CIBERNÉTICO, SOCIALISTA E ECO-FEMINISTA DE FIRESTONE E REFLEXÕES COSMOPOLÍTICAS

Dameres Bastos Pinheiro¹

Resumo:

O presente texto pretende apresentar o projeto de Shulamith Firestone como possível projeto cosmopolítico, a partir da obra “*A Dialética do Sexo: um estudo da revolução feminista*” (1970). Firestone propõe um mundo possível que pensa o cuidado e a relação entre o humano e a natureza a partir da tecnologia, em uma estrutura econômica socialista e cultura andrógina. O texto dialoga com as obras “Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” (1985), de Donna Haraway, “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia (1972)”, de Félix Guattari e Gilles Deleuze, “Mulher Digital: o feminino e as novas tecnologias” (1998), de Sadie Plant, e o Manifesto Xenofeminista, do grupo Laboria Cuboniks.

Palavras-chaves: projeto político, Shulamith Firestone, Manifesto Ciborgue, Anti-Édipo, Sadie Plant, Xenofeminismo.

Resumen:

El presente texto pretende introducir el proyecto de Shulamith Firestone como un posible proyecto cosmopolítico, partiendo de la obra “*La Dialéctica del Sexo*” (1970). Firestone propone un mundo posible que piensa en el cuidado y la relación entre el ser humano y la naturaleza basado en la tecnología, en una estructura económica socialista y cultura andrógina. El texto dialoga con las obras “Manifiesto para *cyborgs*: ciencia, tecnología y feminismo socialista a finales del siglo XX” (1985), de Donna Haraway, “El Anti-Edipo: capitalismo y esquizofrenia (1972)”, de Félix Guattari y Gilles Deleuze, “Ceros + unos: mujeres digitales + la nueva cultura” (1998), de Sadie Plant, y el Manifiesto Xenofeminista, del grupo Laboria Cuboniks.

Palabras claves: proyecto político, Shulamith Firestone, Manifiesto para *Cyborgs*, Anti-Édipo, Sadie Plant, Xenofeminismo.

Shulamith Firestone, ou Shulie, foi uma teórica feminista radical e ativista da década de 60 nos Estados Unidos², cujo manifesto “*A Dialética do Sexo*” (de 1970) foi um marco para a Segunda Onda Feminista e as Internacionais Cyber-feministas da década de 90 (PAASONEN, 2010, p. 61–62). Formada em artes pelo *School of the Art Institute of Chicago*,

¹ Dameres Bastos Pinheiro é mestra em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

² Há um documentário sobre Firestone:

https://www.youtube.com/watch?v=2gHI2J_NRK0&ab_channel=DankAudioStash

fundou e participou de grupos feministas, mas retirou-se em 1971 para cuidar de sua saúde e escrever literatura³. Conhecer Shulie é abrir-se para um projeto político radical e urgente e compreender a potência de um movimento feminista – chamado por ela de “segundo fluxo da revolução mais importante havido na História” (FIRESTONE, 1996, p. 25), junto da revolução proletária – que teve sua história de luta silenciada⁴.

O objetivo deste texto é introduzir o projeto cosmopolítico desta autora, partindo de suas análises sobre Simone de Beauvoir, Sigmund Freud e Karl Marx; depois, os três motes revolucionários -cultural, tecnológico e econômico –; por fim, sua perspectiva da tecnologia será contrastada com a de Sadie Plant e do Xenofeminismo, dentro da teoria aceleracionista, e de Donna Haraway, como outra via cosmopolítica.

Beauvoir é importante para o projeto de Firestone por seu estudo da opressão das mulheres e pelas críticas ao marxismo e ao freudismo⁵ ao apontar que esta opressão não é exclusivamente econômica, tampouco exclusivamente psicosssexual (FIRESTONE, 1996, p. 16). Logo, Firestone concorda com Beauvoir de que há uma realidade biológica implicada na realidade humana (FIRESTONE, 1996, p. 18), mas se opõe no que tange a origem da opressão sexual. Para ela, a origem está na “família biológica”, que define como a unidade básica de reprodução homem/mulher/criança e difere da “unidade familiar” como a conhecemos hoje (FIRESTONE, 1996, p. 18), já Beauvoir define a opressão a partir da alteridade hegeliana. Firestone alega que as categorias utilizadas por Beauvoir surgem com a História e que foi abandonado o argumento inicial da realidade biológica –onde a unidade básica reprodutiva surge e se desdobrará na opressão sexual, na divisão sexual do trabalho, na divisão de classes e na discriminação social (FIRESTONE, 1996, p. 17).

Esta unidade é encontrada em qualquer forma de organização social (FIRESTONE, 1996, p. 18–19), o que não significa que a organização social seja definida por ela, mas que esta unidade é uma força motriz, desde as sociedades antigas, servindo ao sistema de fluxos de arranjos de parentesco, às contemporâneas, servindo ao sistema de classes⁶.

³ Acessado em 05/02/2021: <https://www.newyorker.com/magazine/2013/04/15/death-of-a-revolutionary>

⁴ Há um artigo da autora que conta um pouco desta história silenciada, link a seguir, mas aprofunda em sua obra, no Capítulo II “Feminismo Americano” (FIRESTONE, 1996, p. 25–54). Acessado em 05/02/2021: <https://www.marxists.org/subject/women/authors/firestone-shulamith/womens-rights-movement.htm>

⁵ Ver: (BEAUVOIR, 1970, p. 69 e 77).

⁶ Vide os quadros nas páginas: (FIRESTONE, 1996, p. 15, pp. 215–216)

Logo, a mulher foi subjugada por sua capacidade reprodutiva, mesmo exaltada como deusa ou rechaçada como portadora das desgraças (FIRESTONE, 1996, p. 89).

Por outro lado, Firestone concorda com Beauvoir de que a realidade humana não está restrita à realidade biológica (como espécie animal) e que possui uma “tendência anti-*physis*”⁷, definindo-a como uma característica de transformar-se a si mesma e o entorno em que vive. Tal tendência é que permite a humanidade de superar e tornar-se uma realidade histórica (FIRESTONE, 1996, p. 20–21), servindo de princípio em seu projeto, como veremos mais à frente.

Assim, o elemento sexual é introduzido no materialismo-histórico⁸, permitindo a autora ultrapassar a dificuldade marxista de não encontrar nas sociedades antigas a luta de classes, uma vez que estas sociedades careciam dos modos de produção de acordo com as análises marxistas. Desta forma, Firestone fornece a seguinte revisão do materialismo histórico (a primeira é a visão de Engels e a segunda, da autora):

“... que toda a história do passado, com exceção dos estágios primitivos, foi a história de lutas de classes; que essas classes conflitantes da sociedade são sempre os resultados dos modos de produção e troca - numa palavra, das condições econômicas de sua época; que a estrutura econômica da sociedade sempre fornece a base real, exclusivamente a partir da qual podemos formular tanto a explicação *última* de toda a superestrutura das instituições jurídicas e políticas, quanto a das idéias religiosas, filosóficas e demais de um período histórico dado.” (ENGELS

apud “Toda a história do passado [observe-se que agora podemos eliminar “com exceção dos estágios primitivos”] foi a história de lutas de classes. Essas classes conflitantes da sociedade são sempre o produto de modos de organização da unidade da família biológica, em função da reprodução da espécie, bem como os modos de produção e troca de bens e serviços estritamente econômicos. A organização sexual reprodutora da sociedade sempre fornece a base real, exclusivamente a partir da qual podemos formular a explicação última de toda a superestrutura das instituições econômicas, jurídicas e demais idéias religiosas, filosóficas e demais de um período histórico dado”

⁷ Ver: (BEAUVOIR, 1970, p. 55)

⁸Para uma definição de materialismo-histórico, ver: (FIRESTONE, 1996, p. 14)

FIRESTONE, 1996, p. 14)

(FIRESTONE, 1996, p. 22)

Este processo de opressão das mulheres – da realidade biológica e que se mantém no fluxo da realidade histórica –culmina no “núcleo familiar patriarcal” da Modernidade e é sustentado pela “psicologia do poder” (FIRESTONE, 1996, p. 23), como Firestone mostra, a partir da história da psicanálise freudiana e do feminismo do período Vitoriano (FIRESTONE, 1996, p. 58–59). Logo, enquanto o feminismo expõe a sexualidade como parte de um aparato opressivo ao ponto de se tornar uma força altamente disruptiva e atraindo para si todo o aparato ofensivo social⁹, o freudismo, por sua vez, descobre a sexualidade como força motriz social e determinante na formação do indivíduo, mas é “um produto cultural dessa fermentação” (FIRESTONE, 1996, p. 59).

As relações de poder no Complexo de Édipo são, então, dissecadas da seguinte maneira: 1) o pai concentra o poder absoluto, 2) a mãe dirige suas energias ao lar, às crianças e ao marido, 3) a mãe e as crianças são dependentes e oprimidas pela autoridade paterna (FIRESTONE, 1996, p. 62–63). Essa concentração do poder no sujeito masculino e a subalternidade do feminino expõe a opressão patriarcal, que diante de uma potência disruptiva social feminista responde reprimindo o sujeito revolucionário, que passa a desempenhar um serviço não assalariado(doméstico), além do reprodutivo, emocional, sexual e de cuidado. Por isso o período Moderno é apontado como o mais ferrenho na determinação da dualidade sexual, ao ponto de fluir na cultura e nas áreas de conhecimento (FIRESTONE, 1996, p. 197–217), causando hipertrofia racional e atrofia emocional nos homens e o oposto nas mulheres (FIRESTONE, 1996, p. 234); e explica porque o freudismo “só analisa a mulher como um homem negativo” (FIRESTONE, 1996, p. 67).

A autora também atesta através da História que a infância e a adolescência são produtos da Modernidade, pois na Idade Média(e para trás)as crianças eram percebidas como pequenos adultos e a diferença estava no status social (FIRESTONE, 1996, p. 87–123). Ela parece antecipar a perspectiva deleuze-guattariana da “operação Édipo”, ao mostrar que as crianças não têm desejo de penetrar a mãe, que não vão representar o triângulo edípico de

⁹ Para maior compreensão da ofensiva contra as mulheres na Modernidade sugere-se a leitura: “*Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*” (FEDERICI, 2017).

maneira inata, mas que serão oprimidas para saberem seus lugares no triângulo edípico e na sociedade (FIRESTONE, 1996, p. 65). Portanto, o complexo edípico é um sistema de repressão sexual (FIRESTONE, 1996, p. 73).

Em escala macroscópica, o Complexo de Édipo ainda serviu para o surgimento e sedimentação da “família americana”, como Firestone avalia as estruturas sociais americanas, em que o homem branco é identificado como o pai, a mulher branca como a mãe e a população negra, as crianças. Assim, o complexo amplia seu papel repressivo da sexualidade voltando-se ao desejo de libertação social, pois, ao invés de se direcionar para romper esta estrutura, se mobiliza para tomar o lugar do homem branco, fragmentando a sororidade entre os oprimidos¹⁰. O surgimento da família nuclear americana é decorrente da opressão da comunidade negra e do estupro das mulheres negras, também é causadora da instabilidade na comunidade negra para perpetuar esta estrutura familiar (FIRESTONE, 1996, p. 137). Isto explica o porquê das tensões sociais parecerem ausentes no Complexo de Édipo e do foco na infância do indivíduo¹¹; emergindo daí outro princípio norteador de seu projeto: a destituição do núcleo familiar.

O projeto político de Firestone possui três motes revolucionários: cultural, tecnológico e econômico. Cultura, para ela, é um conceito amplo, é um domínio da humanidade que inclui as ciências, as letras e as artes (FIRESTONE, 1996, p. 197), também o intento da humanidade de materializar o imaginável (FIRESTONE, 1996, p. 199). Ela elenca dois modos de cultura, o Estético, como uma capacidade inventiva e idealista, e o Tecnológico, uma capacidade de materialização e artificialização, que sempre agiram juntos na História da humanidade (FIRESTONE, 1996, p. 197–204). É na Modernidade que os modos são separados e atravessados pela discriminação sexual, o modo Tecnológico se converte em um campo masculino e o Estético é rechaçado como inferior e feminino (FIRESTONE, 1996, p. 205–206). A Cultura também é responsável pelo acúmulo de conhecimentos e habilidades de transformação social e ambiental, possibilitando uma cultura altamente tecnológica e ecológica (FIRESTONE, 1996, p. 201–202). A revolução cultural, portanto, objetiva criar uma sociedade andrógina, transexual e pansexual (FIRESTONE,

¹⁰Sugere-se a leitura do Capítulo V “Racismo: O sexismo da família do homem”, crucial para compreender estas identificações raciais e sexistas no Complexo de Édipo. Ver: (FIRESTONE, 1996, p. 125–146)

¹¹ Ver a experiência de Cleaver que expõe a questão racial e a psicanálise (FIRESTONE, 1996, p. 80) e a relação entre a psicanálise e o feminismo (FIRESTONE, 1996, p. 83–85).

1996, p. 219–220), reconciliando os dois modos de cultura e gerando uma sociedade criativa e científica, com pluralidade de relações entre as pessoas, compartilhamento do cuidado, integração das mulheres e crianças na sociedade e independência e liberdade sexual (FIRESTONE, 1996, p. 271–273).

A tecnologia desempenha um papel fundamental em seu projeto. Ainda que vista com ressalvas (FIRESTONE, 1996, p. 230), é o instrumento de emancipação da mulher da reprodução e de emancipação social do trabalho – é a forma mais radical da tendência “anti-*phisis*”. Na esteira do que o período burguês representa para a dialética marxista – i. e., um estágio antes da revolução –, a ciência empírica da Modernidade é que assenta as condições necessárias para a revolução (FIRESTONE, 1996, p. 25–26). E mesmo que a ciência esteja bifurcada pela discriminação sexual, a autora acredita que a resposta não é deter o progresso tecnológico, mas acelerar este processo (FIRESTONE, 1996, p. 208). Para Firestone é muito tarde para o conservacionismo, dado o estágio de degradação ambiental que impossibilita restabelecer os equilíbrios naturais a estágios anteriores, a saída é criar um equilíbrio artificial (FIRESTONE, 1996, p. 221). A revolução tecnológica, portanto, objetiva um conhecimento amplo da natureza e uma mediação cibernética visando um equilíbrio artificial, também visa um controle de natalidade (FIRESTONE, 1996, p. 230), a liberação dos corpos do trabalho (pela automação) (FIRESTONE, 1996, p. 251) e das realidades biológicas (FIRESTONE, 1996, p. 229). Em suma, a tecnologia é a plataforma do Capital e do patriarcado que deve ser tomada.

Por fim, baseando-se na revolução econômica de Marx e Engels, que chamam o proletariado para se apropriar dos meios de produção, Firestone chama as mulheres para a tomada dos meios de produção e de reprodução (FIRESTONE, 1996, p. 21–22). Sua proposta de cultura andrógina e de ecologia cibernética tem uma economia regida pelo socialismo feminista (FIRESTONE, 1996, p. 238–239), por isso tece críticas aos países socialistas que abandonaram o programa feminista e optaram por reestabelecer o patriarcado, sendo esta a razão de suas ruínas (FIRESTONE, 1996, p. 241), também apresenta alternativas à “família nuclear” (FIRESTONE, 1996, p. 259–271).

O projeto de Firestone pode ser considerado uma via cosmopolítica¹² por se apresentar como uma proposição diplomática¹³ e por integrar o campo científico à questão. Isto porque sua proposta ecológica de um equilíbrio artificial diagnostica que o estágio atual de afetação humana na natureza impossibilita um retorno à algum período anterior ao capital, como almeja parte da esquerda. A saída é uma mediação cibernética capaz de estabelecer uma relação simbiótica (não destrutiva) entre o humano e a natureza. Por isso a questão da reprodução é tão importante – a autora propõe a mediação maquínica reprodutiva por meio de úteros artificiais –, pois sem um controle de natalidade e a destituição da família nuclear, uma revolução social pode transformar a economia e a sociedade, mas não vislumbra a questão climática, além de continuar a carregar o embrião capitalista.

Seu diagnóstico e mote de apropriação e aceleração da plataforma tecnológica capitalista adentra a ala política de esquerda na teoria aceleracionista¹⁴, que propõe a aceleração da dissolução do capitalismo voltando o capital contra si, fundamentada na leitura herética marxista feita por Deleuze e Guattari no “Anti-Édipo”. Esta perspectiva tecnológica firestoniana pode ser contrastada com outras que assumem espaço na cena política contemporânea, a partir da questão cosmopolítica. Neste sentido, Ramiro Galarraga¹⁵ é pontual ao apresentar o aceleracionismo como enclave político, dadas as divergências em torno do conceito teórico e a divisão política em duas alas, uma de esquerda e outra de direita, também da oposição por parte da esquerda e do marxismo a esta teoria, além de destacar a aceleração como acontecimento – baseado na análise de Hartmut Rosa das transformações temporais na contemporaneidade – para o momento geológico e climático atual.

A perspectiva tecnológica não é unânime na teoria aceleracionista. É o caso de Sadie Plant – fundadora da CCRU¹⁶, grupo que colaborou para o surgimento desta teoria – que pensa a tecnologia como um fluxo orgânico e um processo de feminização da cultura

¹²Sobre Cosmopolítica, ver: BENSUSAN (2021) e “La cosmopolítica: qué es y por qué hacerla.”, apresentada no Colóquio Cosmopolítica II [Online]:

https://www.youtube.com/watch?v=wJDPrgi5Hhw&list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF&index=2&t=865s&ab_channel=dasquest%C3%B5es

¹³ Ver: (STENGERS, 2018, p. 461)

¹⁴Sugere-se a leitura “O Domínio de Tamerlão: Os efeitos dos presságios aceleracionistas em Marx” (PINHEIRO, 2020).

¹⁵Ver link do Youtube, minuto 48:56:

https://www.youtube.com/watch?v=VME9n6bDHfM&list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF&index=10&t=2986s&ab_channel=dasquest%C3%B5es

¹⁶Acessado em 07/02/2021: <http://www.ccru.net/archive.htm>

(PLANT, 1998, p. 41–47), enquanto que Firestone define a tecnologia como instrumento emancipatório. O Xenofeminismo, um manifesto aceleracionista feminista do grupo Laboria Cuboniks, em contrapartida, abraça os motes firestonianos antinaturalista, tecnomaterialista, abolitivo do gênero e da unidade familiar, e artificialização da natureza, porém, propõem a alienação como caminho emancipatório, com base na perspectiva de que a alienação e o desenvolvimento de mediações tecnológicas abrem oportunidades revolucionárias¹⁷.

Fora da agenda aceleracionista, Donna Haraway destaca a importância das análises de Firestone para o pensamento feminista, mas tece críticas à redução fisiológica do corpo político ao sexo e ao determinismo tecnológico, que aliena o corpo e gera um “futuro determinado pela máquina” (HARAWAY, 1992, p. 10). Em seu “*Manifesto Ciborgue*”, a alienação dos corpos pela tecnologia é criticada diante da possibilidade de gerar uma biopolítica tecnológica (HARAWAY, 2000, p. 42), bem como a ideia de oposição entre o orgânico e o tecnológico, posto que a fronteira entre ambos indica, para Haraway, a possibilidade de nunca termos sido humanos, mas desde sempre “organismos cibernéticos” (HARAWAY, 2000, p. 84) – contida na ideia de ciborgue.

O projeto firestoniano é passível de críticas, todavia, permanece como proposta utópica de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO, 1970.
- BENSUSAN, Hilan N. *La Cosmopolítica es un animal*. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021.p. 148-155.
- DASQUESTÕES. *La cosmopolítica: qué es y por qué hacerla*. Colóquio Cosmopolítica II: Tiempos de cosmopolíticas, tiempos de necropolíticas. **DASQUESTÕES** [Online] 17 de nov. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wJDPrGi5Hhw&list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF&index=2&t=865s&ab_channel=dasquest%C3%B5es
- CYBERNETIC CULTURE RESEARCH UNIT. *Arquivo*. **CCRU.NET**. [Online]. Disponível em: <http://www.cru.net/archive.htm>

¹⁷ Ver a parte “Interromper”, disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>

- DANK AUDIO STASH. **Shulie, Shulamith Firestone**. Youtube, 22 de out. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2gHI2J_NRK0
- FALUDI, Susan. *Death of a Revolutionary: Shulamith Firestone helped to create a new society. But she couldn't live in it*. **The New Yorker**. [Online] 8 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2013/04/15/death-of-a-revolutionary>
- FEDERICI, Silvia. **CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA**. Tradução: Tradução: COLETIVO SYCORAX et al. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FIRESTONE, Shulamith. "The Women's Rights Movement in the U.S.A.: New View". In. *Notes from the First Year New York: The New York Radical Women, 1968*. **The Marxist Org**. [Online] Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/women/authors/firestone-shulamith/womens-rights-movement.htm>
- FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo: Um estudo da revolução feminista**. Tradução: Vera Regina Rabelo Terra. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1996.
- GALARRAGA Ramiro; GARCÍA, Cielo. Políticas de la aceleración. [min. 48:56] Colóquio Cosmopolítica II: Tiempos de cosmopolíticas, tiempos de necropolíticas. **DASQUESTÕES**. [Online] 20 de nov. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VME9n6bDHfM&list=PLhpD3izdSen6hPNEVES6vsK4K11w4AzBF&index=10&t=2986s&ab_channel=dasquest%C3%B5es
- LABORIA CUBONIKS. **XENOFEMINISMO: Uma política pela alienação**. **LABORIA CUBONIKS.NET**. [Online] Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no final do século XX. In: **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 33–118.
- HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. New York: Routledge, 1992.
- PAASONEN, Susanna. From Cybernation to Feminization: Firestone and Cyberfeminism. In: MERCK, M.; SANDFORD, S. (Eds.). **The Further Adventures of "The Dialectic of Sex"**. London: Palgrave Macmillan, 2010. p. 61–83.
- PINHEIRO, Damares. **O domínio de Tamerlão: os presságios aceleracionistas em Marx**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, 2020.
- PLANT, Sadie. **Zeros + ones: digital women + the new technoculture**. London Fourth Estate, 1998.
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442–464, 2018.